

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL – CAMPUS FELIZ

CRISTIELE MAURER

**A ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ÁTONAS EM SÍLABA FINAL SEM CODA
NA FALA DE INFORMANTES DA CIDADE DE FELIZ – RS**

Feliz-RS

2019

CRISTIELE MAURER

**A ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ÁTONAS EM SÍLABA FINAL SEM CODA
NA FALA DE INFORMANTES DA CIDADE DE FELIZ – RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de graduação em Letras – Português e Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. Área de concentração: fonologia e sociolinguística. Professora orientadora: Dra. Laura Helena Hahn Nonnenmacher.

Feliz, dezembro de 2019

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo incentivo, amor, pelo apoio incondicional e por entender a minha ausência nos últimos meses. Aos meus tios e minhas tias que sempre acreditaram em mim quando nem eu mesma acreditava.

À minha mãe por sempre cuidar de mim e por depositar em mim o sonho dela: ser professora.

Ao meu pai *in memoriam* que me guia todos os dias. Mesmo não estando presente em vida, está em meus pensamentos e em meu coração.

Aos informantes da comunidade pela receptividade, por disponibilizarem-se prontamente para a entrevista e pelas informações que enriqueceram meu trabalho.

Ao IFRS – Campus Feliz pela oportunidade de estudar em uma instituição gratuita e de qualidade.

Aos docentes do campus pelos valiosos ensinamentos que levarei para toda a vida.

À minha professora orientadora Dra. Laura Helena Hahn Nonnenmacher pelas aulas de fonética e fonologia que me motivaram a seguir esse caminho na escolha do tema deste trabalho. Pela orientação dedicada e atenciosa, pelos ensinamentos, confiança e por não medir esforços durante esta caminhada. Meu muito obrigada!

À banca por aceitar o convite e se disponibilizar a ler o trabalho.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: mapa de Feliz - RS.....	245
Figura 2: mapa da região	256

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Contexto precedente para /e/ átono final.....	38
Tabela 2: Contexto seguinte para a vogal /e/.....	38
Tabela 3: Vogal alta para /e/.....	39
Tabela 4: Contexto precedente para /o/ átono final.....	40
Tabela 5: Contexto seguinte para a vogal /o/.....	40
Tabela 6: Vogal alta.....	41
Tabela 7: Resultado total para a variável idade.....	36
Tabela 8: Resultado total para a variável escolaridade.....	36
Tabela 9: Resultado total para a variável sexo.....	37

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico I: Elevação das vogais para /e/.....	35
Gráfico II: Elevação das vogais para /o/.....	36

LISTA DE QUADROS

Quadro I: Sistema vocálico.....	14
Quadro II: Vogais em posição tônica diante de consoante nasal.....	15
Quadro III: Vogais pretônicas.....	15
Quadro IV: Vogais em posição postônica não final.....	16
Quadro V: Vogais em posição postônica final.....	16
Quadro VI: Codificações das variáveis precedente e seguinte.....	30
Quadro VII: Codificações vogal alta.....	30
Quadro VIII: Codificações para idade, sexo e escolaridade.....	30
Quadro IX: Codificações para elevação e variável dependente.....	31
Quadro X: Codificações para participantes.....	31

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Objetivos e hipóteses	12
2. A ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ÁTONAS FINAIS	14
2.1 Sistema vocálico do português na visão estruturalista de Camara Jr.	14
2.2 Caracterização do fenômeno de elevação das vogais médias átonas finais sob a ótica da Fonologia Autossegmental	17
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
3.1 A teoria da variação e mudança linguística	18
3.2 Revisão bibliográfica	20
4. METODOLOGIA	24
4.1 A cidade de Feliz – RS e a comunidade de Coqueiral	24
4.2 As entrevistas sociolinguísticas	27
4.3 Coleta de dados.....	28
4.4 Variáveis controladas.....	31
4.4.1 Variável dependente.....	31
4.4.2 Variáveis independentes	31
4.4.2.1 Variáveis linguísticas	32
4.4.2.2 Variáveis extralinguísticas	32
5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	34
5.1 Resultados da variável dependente /e/.....	35
5.1.1 Contexto precedente	37
5.1.2 Contexto seguinte.....	38
5.1.3 Vogal alta.....	39
5.2 Resultados da variável dependente /o/.....	39
5.2.1 Contexto precedente	39
5.2.2 Contexto seguinte.....	40
5.2.3 Vogal alta.....	40

5.3	Resultados das variáveis extralinguísticas para /e/ e /o/.....	35
5.3.1	Idade.....	36
5.3.2	Escolaridade.....	36
5.3.3	Sexo.....	37
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
	Anexos.....	46

RESUMO

A elevação das vogais médias átonas finais (*bol[u]* para *bolo*, *film[i]* para *filme*) é um fenômeno praticamente categórico na maior parte do país (CAMARA Jr, 2015), porém, em algumas regiões, ainda é variável. No presente estudo, analisamos, sob a perspectiva da Teoria Variacionista, as vogais médias átonas finais sem coda na comunidade de Coqueiral, localizada na cidade de Feliz – RS, pertencente ao Vale do Caí, região de colonização alemã. Em trabalhos como os de Link (2015), Mileski (2013), Silva (2009), Vieira (1994) e Schmitt (1987), vemos que há comunidades bilíngues – caso de nossa comunidade em estudo – que costumam preservar as vogais médias. Assim, nossa expectativa era de que o mesmo fosse comprovado em nossa pesquisa. Nossas hipóteses linguísticas foram as de que contextos precedente e seguinte têm relevância para acontecer a elevação e vogal alta favorece a elevação das vogais médias estudadas; enquanto nossas hipóteses extralinguísticas foram de que pessoas mais novas e com mais escolaridade elevam mais e o sexo feminino também aplica a regra de elevação com maior frequência. Para verificar essas questões, realizamos entrevistas com oito informantes selecionados considerando as variáveis extralinguísticas gênero, escolaridade e faixa etária. Após concluída a etapa de entrevistas, fizemos o levantamento dos dados e os codificamos para então submetê-los à análise estatística no programa computacional RBrul. Os nossos resultados comprovam que o índice de elevação das vogais em posição átona final é baixo em Coqueiral; que, para /e/, somente coronal [-ant] no contexto seguinte favorece a elevação, à medida que contexto precedente e vogal não favorecem, apresentando índices abaixo ou perto do ponto neutro; e que, para /o/, nenhuma das variáveis linguísticas analisadas parecem influenciar na elevação das vogais. As variáveis extralinguísticas também têm resultados baixos de elevação, não confirmando nossas hipóteses. Nossa pesquisa nos permitiu comprovar que, no português falado na comunidade em estudo, as vogais médias são muito mais preservadas do que elevadas e a mudança linguística está ocorrendo muito lentamente.

1. INTRODUÇÃO

A elevação das vogais médias átonas finais no português brasileiro (PB) é um fenômeno que acontece em quase todo o país, com exceção de algumas regiões onde falantes ainda preservam a vogal em final de sílaba. Camara Jr (2015) afirma que as vogais médias postônicas finais elevam-se a vogais altas. Temos então, *carr[u]* para *carro* e *leit[i]* para *leite*. Dessa forma, Camara Jr (2015) propõe um sistema vocálico de três vogais para as postônicas finais: [a, i, u], sendo [a] central e [i,u] as vogais altas.

Baseando-nos em estudos que analisam a fala do Sul do país, como Vieira (1994), Schmitt (1987), Link (2015), Silva (2009), Mileski (2013) e Mallmann (2001), é possível confirmar que as vogais médias átonas finais em algumas regiões são preservadas. Portanto, nesses casos, a elevação é variável e não categórica, como Camara Jr (2015) propõe. Ainda, pode-se afirmar que o sistema vocálico na posição átona final não se resume a três vogais, e sim a cinco: [a, e, i, o, u].

Nosso trabalho analisa a elevação das vogais médias átonas em sílaba final sem coda na comunidade de Coqueiral, na cidade de Feliz – RS, que possui o alemão (*hunsrückisch*¹) como primeira língua e como língua praticamente predominante, pois os falantes costumam se comunicar mais em alemão do que em português. Como a comunidade é pequena, os informantes frequentam os mesmos eventos e se visitam com frequência. Assim, abrangeremos em nossa pesquisa falantes de ambos os sexos, com idade entre 20 e 40 anos e de 40 a 60 anos, e escolaridade de nível fundamental e médio.

Uma das motivações deste trabalho foi verificar o quanto o contato do português com o alemão influenciaria na realização das vogais finais e o quanto o contexto social dos falantes interferiria. Por isso, baseamo-nos nas vogais e nas características da ocorrência do fenômeno, sempre com um viés sociolinguístico, sob a perspectiva de Labov (2008 [1972]), analisando o contexto dos informantes e partindo do objetivo de analisar se está ocorrendo ou não mudança linguística na comunidade ou se esta ocorre lentamente.

Desenvolvemos a hipótese de que os falantes elevam com maior frequência a vogal /e/ e em menor número a vogal /o/, e os contextos fonológicos (precedente,

¹ O *hunsrückisch* é uma língua falada na região e leva este nome por ser uma língua provinda de Hunsrück, uma cidade da Alemanha, de onde houve a maior parte de imigração de alemães para o Brasil (ALTENHOFEN; MORELLO, 2018).

seguinte e vogal alta) influenciariam no fenômeno de elevação. Ainda, e não menos importante, o sexo feminino, pessoas mais jovens e informantes mais escolarizados elevariam as vogais com maior frequência.

Para desenvolver a nossa pesquisa, iniciaremos falando sobre nossas hipóteses e objetivos e, no próximo capítulo, falaremos das vogais, baseando-nos em Camara Jr. (2015) e abordaremos as características da elevação em final de sílaba. No capítulo 3, trataremos da metodologia e das características e dos costumes da comunidade de Coqueiral e da cidade de Feliz. No capítulo 4, falaremos da forma como nossa pesquisa foi encaminhada e das variáveis selecionadas para o estudo e levadas em consideração. No capítulo 5, trazemos nossos resultados e nossa interpretação, sempre com um viés sociolinguístico e comparando nossos resultados com os dos autores estudados, analisando se confirmarão ou não nossas hipóteses. Finalizamos o trabalho com nossas considerações finais.

1.1 Objetivos e hipóteses

Neste trabalho, temos como objetivo geral analisar a elevação das vogais médias /e/ e /o/ átonas em posição final de palavra na fala de moradores da comunidade de Coqueiral – localizada na cidade gaúcha de Feliz. Além disso, é nosso objetivo também verificar se está ocorrendo ou não uma mudança linguística nessa variedade do português brasileiro.

Ainda não existem trabalhos relacionados à elevação das vogais na região do Vale do Caí – região em que se situa a cidade de Feliz – portanto, este trabalho é de extrema relevância para as pesquisas futuras na cidade e região, obtendo bases concisas para a elaboração de novas análises.

Conforme se perceberá em trabalhos como os de Schmitt (1987), Vieira (1994), Silva (2009) e Mileski (2013) a serem revisados neste estudo, a elevação das vogais ocorre devido a fatores linguísticos (contexto precedente, contexto seguinte, vogal alta na sílaba anterior, entre outros) e extralinguísticos (idade, escolaridade e gênero). Nesses trabalhos, os fatores extralinguísticos são de muita importância para o estudo da língua e suas variações. No presente estudo, observamos se ocorre a elevação ou não das vogais quando analisados os fatores linguísticos e extralinguísticos. Como na maioria desses trabalhos citados acima, os

resultados para os grupos de fatores escolaridade e idade são favorecedores da elevação das vogais. Uma de nossas hipóteses será baseada nessa noção de que o falante com maior escolaridade e jovem eleva mais do que um falante mais velho com menos escolaridade.

Analisando trabalhos em relação à fala de informantes em contato com outras línguas além do português, consideramos as seguintes hipóteses para a comunidade estudada:

- 1 Os falantes praticamente não elevam as vogais médias átonas finais, porém, quando o fazem, elevam /o/ com menos frequência do que /e/;
- 2 Contextos fonológicos precedente e seguinte podem favorecer ou não a elevação das vogais. Vogais altas na sílaba anterior também favorecem a elevação.
- 3 Falantes com maior escolaridade elevam mais do que falantes com menor escolaridade. Assim como falantes do sexo feminino tendem a elevar com maior frequência do que os do sexo masculino. Falantes mais jovens elevam mais.

2. A ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ÁTONAS FINAIS

Iniciamos este capítulo, em 2.1, caracterizando o sistema vocálico em uma visão estruturalista. Na seção 2.2, caracterizamos o fenômeno fonológico em estudo.

2.1 Sistema vocálico do português na visão estruturalista de Camara Jr.

O sistema vocálico do português ficou conhecido como triangular devido aos apontamentos de Trubetzkoy (1929, *apud* Camara Jr., 2015). Esse sistema é composto por vogais anteriores, com um avanço da parte anterior da língua e sua elevação gradual, e outras posteriores, com um recuo da parte posterior da língua, a sua elevação e o arredondamento gradual dos lábios. Ao centro, a vogal /a/ é o vértice mais baixo do triângulo vocálico, cuja base é voltada para cima. Essa articulação da parte central, anterior e posterior da língua classifica as vogais em centrais, posteriores ou anteriores, enquanto a elevação gradual da língua, tanto na parte anterior quanto na posterior, classifica as vogais como baixa, médias de 1º grau (abertas), médias de 2º grau (fechadas) e altas. Esse triângulo vocálico é apresentado por Camara Jr. (2015) da seguinte forma:

Quadro I: Sistema vocálico

Altas	/u/		/i/
Médias	/ô/		/ê/ (2º grau)
Médias		/ò/	/è/ (1º grau)
Baixa		/a/	
	posteriores	central	anteriores

Camara Jr. (2015, p.43)

O Quadro I representa o sistema vocálico do português, que possui sete vogais na posição tônica. Porém, diante de consoante nasal, elimina-se as vogais de 1º grau (por exemplo, homem e mente) e a vogal baixa torna-se menos central e um pouco mais posterior (por exemplo, cama).

Quadro II: Vogais em posição tônica diante de consoante nasal

Altas	/u/	/i/
Médias	/o/	/e/
Baixa	/a/ [â]	

Camara Jr. (2015, p.43)

Na posição átona, também ocorre uma redução do número de fonemas. Tal fenômeno é chamado de neutralização (TRUBETZKOY, 1929). Quando as vogais médias estiverem em posição pretônica, a oposição de 1º e 2º graus desaparece. Por exemplo, em posição tônica, temos o par mínimo que aponta a distinção entre os substantivos *f[o]rma* e *f[ɔ]rma*; no entanto, o adjetivo que deriva do segundo é *f[o]rmoso*, tendo /for/ devido à posição átona pretônica da sílaba.

Quadro III: Vogais pretônicas

Altas	/u/	/i/
Médias	/o/	/e/
Baixa	/a/	

Camara Jr. (2015, p.44)

No dialeto carioca, de acordo com Camara Jr. (2015), as vogais pretônicas sofrem uma redução ainda maior em seu número, pois as médias elevam-se de forma categórica, ou seja, as vogais médias em posição pretônica passam a altas, como é o caso de *c[o]ruja* – *c[u]ruja*. Camara Jr. (2015) menciona o fenômeno da harmonização vocálica (termo cunhado por SILVEIRA, 1939), que consiste numa tendência de harmonizar a altura da vogal pretônica com a vogal tônica. Dessa forma, a oposição entre *comprido* “longo” e *cumprido* “executado” somente se distingue graficamente, pois, na fala, temos /kuNpri'du/ para ambos.

Nas vogais médias postônicas não finais, há a neutralização de /o/ e /u/, mas não de /e/ e /i/. A distinção de /o/ e /u/ também se encontra apenas na língua escrita, pois, na fala, o que temos é apenas /u/. Como Camara Jr. (2015) menciona, poetas brasileiros rimam *pérolas* com *cérula*, *ídolo* com *estrídulo*. Já entre /e/ e /i/ há

distinção, embora não tenhamos pares mínimos. Pronúncias como [nu'miru] para *número* e [té'pedu] para *tépido* são rechaçadas, conforme o autor.

Quadro IV: Vogais em posição postônica não final

Altas	/u/	/i/
Médias	/e/	/i/
Baixas	/a/	

Camara Jr. (2015, p.44)

As vogais médias postônicas finais sofrem elevação, transformando-se em altas, gerando pronúncias como *carr[u]* e *fon[i]* para as palavras *carro* e *fone*. Ocorre neutralização entre /o/ e /u/ e entre /e/ e /i/ quando estas vogais estão em posição átona final seguida ou não de /s/.

Quadro V: Vogais em posição postônica final

Altas	/u/	/i/
Baixas	/a/	

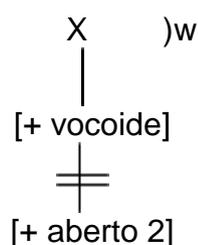
Camara Jr. (2015, p.45)

Em se tratando de vogais médias em posição postônica final, foco do nosso estudo, Camara Jr. (2015) afirma que há a redução de vogais no sistema vocálico brasileiro de cinco para três, mas não leva em consideração as variações que ocorrem em algumas comunidades. No Rio Grande do Sul, por exemplo, devido às línguas de contato (línguas alemã, italiana e espanhola), encontramos registros de variação nessa posição. Há regiões em que se fala *leit[e]* em vez de *leit[i]*, sendo esta última realização categórica na região metropolitana da capital gaúcha e em grande parte do Brasil.

2.2 Caracterização do fenômeno de elevação das vogais médias átonas finais sob a ótica da Fonologia Autossegmental

O fenômeno de elevação das vogais médias átonas finais pode ser caracterizado sob a perspectiva da Fonologia Autossegmental, que, como destacam Battisti e Vieira (2014)², confirma a precursora análise de Camara Jr. (2015). De acordo com o modelo dessa teoria, as distinções de altura das vogais se dão através de traços de abertura. Assim, define-se vogais médias pelos traços [- aberto 1, + aberto 2, - aberto 3] e vogais altas pelos traços [- aberto 1, - aberto 2, - aberto 3]. Percebemos, dessa forma, que a oposição entre as vogais médias e altas é estabelecida pela perda do traço [aberto 2]. Palavras como *nom[e]* e *pan[o]* passam, então, a ser pronunciadas como *nom[i]* e *pan[u]*, respectivamente.

Wetzels (1992) representa a regra de elevação das vogais médias átonas finais em sílaba leve (ou seja, sem coda) da seguinte forma:



(Wetzels, 1992, p.27)

Quando a vogal estiver em posição átona em final de sílaba, perderá o traço distintivo [+aberto 2].

A elevação das postônicas em final de palavra inclui uma “regra de redundância, de aplicação tardia”, segundo Battisti e Vieira (2014, p.178), substituindo o valor do traço desassociado ([+ aberto 2]) pelo seu oposto ([- aberto 2]). Wetzels (1992, p.27) apresenta a regra a seguir:

$[\ominus \text{ aberto } x] \Rightarrow [- \text{ aberto } x]$, sendo \ominus desassociação e x qualquer traço.

Essa “regra de aplicação tardia” produz variação em falares de português brasileiro como os do Sul do Brasil. Por esse motivo, consideramos variável a realização da elevação das vogais médias /e,o/ postônicas finais, cujo estudo se fundamenta na Teoria da Variação (LABOV, 1972).

² Ao que as autoras se referem como regra de neutralização, estamos nos referindo como elevação.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, abordaremos a teoria da variação e mudança linguística e sua caracterização na seção 3.1. Já na seção 3.2 trazemos nossa revisão bibliográfica, o estudo de trabalhos relacionados à preservação das vogais médias finais.

3.1 A teoria da variação e mudança linguística

O Estruturalismo de Saussure (1962) considerava a língua (*langue*) um objeto de estudo inerente à fala, desconsiderando o externo à língua, o contexto social do falante. Assim, a língua era vista pelo autor como homogênea.

Contudo, William Labov, na década de 1960, desenvolve a Teoria da Variação e Mudança, a qual também é conhecida como Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana. O autor postula que a língua não é homogênea, ao contrário do que Saussure (1962) acreditava, e sim heterogênea, e que deve ser analisada através de sua relação com a sociedade. Em um artigo elaborado por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) (doravante WLH), no qual discorrem sobre a teoria da variação e mudança linguística, os autores criticam a teoria neogramática que acreditava que a língua só poderia ser estruturada se fosse considerada homogênea, acreditando que a variação na fala seria um desvio.

WLH ainda seguem ideias de Antoine Meillet (1921), que vê a língua como um sistema sincrônico, de forma que é necessário estudar a língua pelo seu caráter social e evolutivo. Eles propõem fundamentos para o estudo da variação e mudança, considerando que a língua evolui, tanto através de processos internos como externos a ela. Ela é vista como um fenômeno variável e deve ser analisada no seu contexto, levando em consideração a relação do indivíduo com a comunidade de fala. Labov (1983 [1972a]) diz que a língua é um sistema regido por regras, que se divide em regra variável e categórica. A primeira regra consiste em duas (ou mais) formas que acontecem no mesmo contexto, ou seja, quando não ocorre somente uma realização. Podemos trazer o exemplo da elevação das vogais, que analisamos neste trabalho: a variação ocorre quando em praticamente todo o Brasil ocorre a forma [i, u] e em algumas regiões do país ocorre a forma [e, o]. Para que ocorra a variação, a regra depende de fatores internos e/ou externos à língua. Já a regra categórica consiste em uma única forma que acontece em um único contexto.

Labov (2008) realizou um estudo, em Martha's Vineyard, sobre o /r/ em posição pós-vocálica. A ilha de Martha's é conhecida por ser uma área conservadora do inglês americano que possui registros de resistência às influências da capital de Massachusetts, Boston, que é considerado o centro irradiador de costumes. A ilha conserva muitos traços arcaicos. Um desses traços é a retenção do /r/ final e pré-consonantal. Em algumas áreas da ilha, está ocorrendo a retroflexão de /r/ com maior frequência e em outras áreas essa realização está diminuindo.

Em outra pesquisa realizada nessa mesma obra, o autor abordou pessoas de diferentes classes sociais que trabalhavam em lojas de departamento. Cada uma das lojas possuía um *status* diferente, levando em consideração a classe social dos clientes e funcionários. O estudo foi realizado nas lojas *Saks Fifth Avenue* (*status* alto), *Macy's* (*status* médio) e *S.Klein* (*status* baixo). Para obter uma fala o mais espontânea possível dos informantes, o autor entrou em cada uma das lojas, no papel de cliente, perguntando onde ficava, por exemplo, o setor de sapatos femininos, buscando obter como resposta a frase "fourth floor" (quarto andar). Os resultados encontrados na pesquisa mostram que jovens de classe social mais alta realizavam o emprego total de /r/, enquanto os de classe social mais baixa nem sempre realizavam o emprego total do fonema.

Em outra pesquisa realizada em Martha's Vineyard, Massachusetts, Labov (2008) comprovou que a realização de /ay/ acontecia de forma altamente centralizada, mas /aw/ não, diferentemente da realização padrão da Nova Inglaterra: [aɪ] e [aʊ]. Essa mudança ocorreu devido às reivindicações de direitos, pois demonstravam um traço de pertencimento do local, inclusive, pressões sociais desencadearam essas mudanças.

Labov (2008) conceitua comunidade de fala como um grupo de falantes que compartilha atitudes semelhantes que os falantes têm em relação à língua. O uso frequente de determinados traços linguísticos é que identificam a comunidade de fala, mesmo que esses traços não sejam compartilhados em sua totalidade, mas em sua maioria. Assim, a língua é uma marca da comunidade de fala e com ela se constrói a identidade de seus indivíduos.

Para que possamos analisar essas questões, é necessário realizar pesquisas, entrevistas com sujeitos de determinado local. As pesquisas, que buscam verificar o progresso de uma mudança linguística, conforme Labov (1994) aponta, podem ser realizadas em tempo aparente ou em tempo real. No primeiro caso, investiga-se o

status da mudança linguística, se está ocorrendo, considerando-se a faixa etária dos informantes, se a variante em análise apresenta frequência maior para jovens e menor para mais velhos. Esse pode ser um sinal de que se trata de uma mudança linguística em curso. Já a pesquisa em tempo real compara dados de dois tempos diferentes na mesma comunidade de fala, com os mesmos falantes, buscando evidenciar se o uso da variante pesquisada em uma época anterior está avançando ou retrocedendo. Labov (1994) ainda aconselha que as pesquisas sejam realizadas em tempo real e aparente, com o objetivo de verificar as mudanças linguísticas que estavam em progresso e o seu avanço com o passar dos anos ou não.

Nossa pesquisa foi realizada em tempo aparente, pois analisamos a ocorrência de uma possível mudança linguística através da análise da idade, como proposto acima, pois ainda não há registros de fala de moradores da comunidade pesquisada. Em um trabalho futuro, será possível aprofundar esta monografia em relação à elevação das vogais médias átonas finais na comunidade através de uma pesquisa em tempo real, analisando e comparando ambos os trabalhos, procurando identificar se, com o passar do tempo, ocorreu alguma mudança linguística na fala dos informantes ou não.

3.2 Revisão bibliográfica

Nesta parte do trabalho, nos dedicamos à revisão de alguns estudos realizados, na perspectiva variacionista, sobre a elevação das vogais átonas finais. As pesquisas aqui revisadas (SCHMITT, 1987; VIEIRA, 1994; MALLMANN, 2001; SILVA, 2009; MILESKI, 2013; LINK, 2015;) analisam a elevação das vogais médias e concluem que tanto questões sociais (extralinguísticas) quanto linguísticas favorecem a realização de tal fenômeno.

Schmitt (1987) realiza análises com informantes bilíngues e monolíngues, utilizando para essa pesquisa o *corpus* coletado por Bisol (1977), que foi cedido para sua análise. Na cidade de Taquara, que possui colonização alemã, foram entrevistados quatro informantes bilíngues; outros quatro bilíngues foram entrevistados na região de colonização italiana, mais especificamente em Veranópolis; e quatro informantes monolíngues que moram na cidade de Livramento, na fronteira com o Uruguai, e possuem contato com o castelhano.

Além das etnias consideradas por Schmitt (1987), Vieira (1994) ainda analisa a fala de metropolitanos. Assim, foram coletados dados com informantes gaúchos da região de Taquara (etnia alemã), Livramento (fronteiriços), Veranópolis (italianos) e Porto Alegre, mais especificamente, servidores da UFRGS (metropolitanos). Tais entrevistas foram realizadas por Bisol (1978) e fazem parte do projeto “Variação Linguística do Sul do País” (doravante VARSUL).

Também comentaremos os trabalhos de Mallmann (2001), que realizou seu estudo da elevação de vogais médias átonas finais com informantes de cinco etnias (alemão, luso-brasileiro, italiano, polonês e misto), todos moradores da cidade de Santo Ângelo – RS; de Silva (2009), que analisa a elevação das vogais médias átonas finais na região de Rincão Vermelho – RS, cidade que faz fronteira com Argentina; de Mileski (2013), que analisa a fala de informantes descendentes de poloneses na cidade de Vista Alegre do Prata – RS; e, ainda, de Link (2015), que analisa as vogais médias átonas finais em uma comunidade de Novo Machado – RS.

Em relação à etnia, os alemães elevam mais do que fronteiriços e italianos, conforme os resultados de Schmitt (1987), sendo que os italianos são os que mais preservam as vogais. Como na língua italiana /e/ é marca de classe e /i/, de plural, as vogais médias tendem a ser preservadas por esses falantes (FROSI E MIORANZA, 1983).

Assim como Schmitt (1987), Vieira (1994) analisa a fala de alemães, fronteiriços e italianos, e, além destas, ainda analisa a fala de metropolitanos. Em seus resultados, os italianos também são os que mais preservam as vogais médias e os metropolitanos são os que mais elevam. Alemães preservam na mesma medida em que elevam e falantes da fronteira preservam as vogais, mas elevam com maior frequência do que os italianos.

Nos resultados encontrados por Schmitt (1987), o contexto precedente [p, b, f, v] influenciou na elevação de /o/ no falar de alemães. Para os fronteiriços, os fatores favorecedores foram [m, n, ɲ, l]; já para os italianos, o contexto precedente não teve relevância. Os contextos seguintes [k, g, ʒ, ʃ, dʒ, tʃ] foram favorecedores para os alemães, [t, d, s, z] para os fronteiriços e [p, b, f, v] para os italianos. Para a elevação de /e/, os contextos precedentes [k, g, ʒ, ʃ, dʒ, tʃ] e os contextos seguintes [t, d, s, z] foram favorecedores para os três grupos étnicos.

Se para Schmitt (1987) as velares e palatais ([k, g, s, z, dʒ, tʃ, x]) favorecem a aplicação da regra; para Vieira (1994), são as nasais que favorecem em posição precedente à vogal /o/. Para Link (2015), as dorsais ([k, g, R]), coronais [-ant] ([ʒ, ʃ, ʎ, ɲ]) e, ainda, labiais ([p, b, f, v, m]) em contextos precedente e seguinte favorecem a elevação. Coronais [+ant], S/Z e vogais indicam preservação das vogais médias.

Ainda para o contexto precedente, Mileski (2013) encontra favorecimento da elevação nas consoantes coronais [-ant], assim como Link (2015). As labiais e coronais [+ant] inibem a elevação.

Em relação ao contexto vocálico, Link (2015) e Silva (2009) constatam que a presença de vogal alta na palavra favorece a elevação das médias finais. Por outro lado, os resultados de Mileski (2013) apontam que a elevação ocorre sem a presença de vogais altas na palavra.

Os resultados para a variável sexo, encontradas por Vieira (1994), mostram que ambos os sexos elevam as vogais quase na mesma medida, próximos do ponto neutro, sendo que mulheres elevam minimamente mais do que os homens. Enquanto isso, encontramos em Silva (2009), uma maior elevação das vogais por parte dos homens, e em Mileski (2013), ambos os sexos permaneciam próximos do ponto neutro.

A escolaridade, para Mallmann (2001) e Silva (2009), mostrou-se relevante. Para ambos, os resultados para ensino médio e ensino superior apontam favorecimento da elevação, enquanto informantes com ensino fundamental preservam as vogais. Para Mileski (2013), o mesmo ocorre em relação à vogal /e/, mas não para a vogal /o/: ensino superior não favorece o fenômeno, já ensino fundamental favorece a elevação vocálica e ensino médio favorece com frequência menor.

No estudo de Link (2015), o fenômeno de conservação ocorreu entre falantes com escolaridade acima de oito anos. O autor justifica esse resultado como decorrência de os moradores da cidade de Novo Machado – RS dificilmente saírem de lá para estudar. Alguns com idade superior a 58 anos frequentaram faculdade em uma cidade próxima, mas voltaram para a comunidade logo que se formaram. Os informantes da faixa intermediária pararam de estudar em algum momento de suas vidas e voltaram mais tarde. E os mais novos costumam frequentar escolas em municípios próximos, indo e voltando todos os dias.

A variável idade mostra-se neutra em Silva (2009). Porém, em Link (2015), essa variável apresenta uma preservação das vogais médias maior para falantes mais velhos, e a elevação ocorre com maior frequência com informantes de meia idade. Os jovens elevam mais do que os mais velhos e menos do que falantes de meia idade. Já para Mileski (2013), informantes de meia idade elevam menos do que os jovens. Estes últimos se encontram abaixo do ponto neutro enquanto falantes mais velhos elevam mais.

4. METODOLOGIA

Na metodologia, na seção 4.1, falaremos um pouco da cidade, da comunidade na qual foram realizadas as entrevistas e dos entrevistados. Apresentaremos, ainda, as entrevistas sociolinguísticas realizadas e como se deu a coleta de dados nas seções 4.2 e 4.3. Discutiremos, na seção 4.4, as variáveis controladas, assim como as variáveis dependentes e independentes (linguísticas e extralinguísticas) consideradas relevantes para o estudo.

4.1 A cidade de Feliz – RS e a comunidade de Coqueiral

O município de Feliz³ faz parte da região do Vale do Caí, que se situa no Nordeste do Rio Grande do Sul e possui pouco mais de 13 mil habitantes, que, em sua maioria, preservam os costumes germânicos de seus antepassados. Os eventos promovidos no município também fomentam as tradições alemãs, como os *Kerbs*, o Festival Nacional do *Chopp* e a Festa da Amora e do Morango. A maior parte dos habitantes da cidade, inclusive, se comunicam através da língua de imigração⁴ alemã – o *hunsrückisch*. Abaixo, nas Figuras 1 e 2, vemos os mapas da cidade de Feliz e da região.

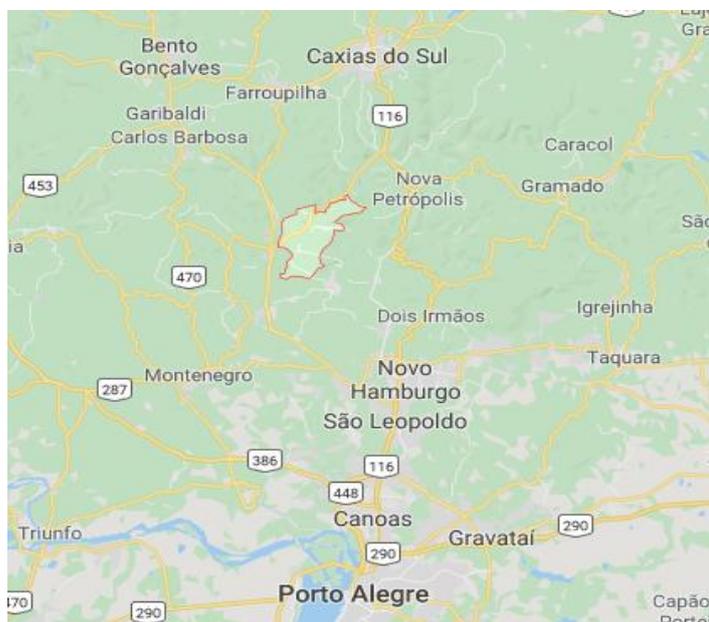
Figura 1: mapa de Feliz-RS



Disponível em: <<https://www.cidade-brasil.com.br/mapa-feliz.html>>. Acesso em Out, 22. 2019.

³ Sobre a cidade de Feliz. Disponível em: <<https://www.feliz.rs.gov.br/web/historico>>. Acesso em 15, Out. 2019.

⁴ Os falantes da comunidade costumam chamar a língua utilizada por eles como “dialeto”, não como “língua de imigração”. Porém, neste trabalho consideraremos a expressão “língua de imigração” ao nos referirmos ao *hunsrückisch*.

Figura 2: mapa da região

Disponível em: <<https://www.cidade-brasil.com.br/mapa-feliz.html>>. Acesso em Out, 22. 2019.

A cidade felizense possui em torno de 95 km² e situa-se entre Caxias do Sul e Porto Alegre. Com distância aproximada de 87 km da capital gaúcha, em seu entorno encontram-se as cidades de Alto Feliz, Vale Real, Bom Princípio e Linha Nova.

Coqueiral é uma comunidade do interior de Feliz e se localiza a 5 km do centro da cidade. A locomoção dos moradores até o centro é realizada através de meios de transporte próprios, pois não há transporte público para chegar ao centro. Sendo assim, quem não possui transporte próprio normalmente se locomove a pé (aproximadamente uma hora de caminhada até chegar ao destino), ou de bicicleta. Ou então utiliza táxis que vêm do centro até a comunidade para buscar o/a cliente, o que torna a corrida muito cara.

Localidade pequena, Coqueiral conta com aproximadamente 250 habitantes e possui poucas casas e é território de matas com criações de animais e plantações. Os moradores dessa comunidade são, em sua grande maioria, agricultores. A maioria dos moradores mais velhos vivem da agricultura e da criação de animais, bois e porcos, enquanto que os mais novos saem da comunidade para trabalhar no comércio ou na indústria no centro da cidade.

Pode-se notar que a maioria dos falantes mais velhos da comunidade se comunicam praticamente só em alemão. Alguns alternam uma ou outra palavra/frase da língua portuguesa. Contudo, os falantes de meia idade e os mais novos já falam um pouco mais o português, mas ainda assim, a língua alemã ainda é mais utilizada por eles em comparação ao português brasileiro. Já as crianças compreendem, mas não utilizam a língua alemã verbalmente. A maioria se comunica somente em português.

Como costumes da comunidade, eles têm o baile de *kerb*, que acontece todos os anos no fim de semana do dia dos pais; a festa da Igreja, que acontece em setembro; o churrasco dos sócios da sociedade, que acontece em março; entre outras festas e almoços. Esses eventos têm o intuito de arrecadar dinheiro para melhorias na Igreja ou na sociedade local. Os moradores costumam ajudar na cozinha e na churrasqueira, além de servir as mesas e atender como garçom no balcão das bebidas. Normalmente, à tarde, acontece o sorteio de rifas, as mulheres se reúnem para conversar enquanto os homens jogam carta.

Sempre que ocorrem festas na comunidade em algum domingo ou sábado, os moradores já se preparam uma semana antes, encomendando a comida em supermercados, a torta da rifa nas padarias, as saladas com os agricultores da localidade, entre outros itens. Nas quartas ou quintas, então, é o dia em que os moradores se reúnem para realizar a limpeza do local da festa e preparam as saladas, caso devam ser preparadas dias antes. No sábado, eles preparam as mesas para receber os visitantes e, nos domingos de manhã, chegam cedo ao local da festa para organizá-lo.

Percebe-se que a maioria das pessoas que prepara essas festas e que as frequentam são pessoas mais velhas. Ou seja, com o passar do tempo, tais celebrações tendem a acabar se perdendo. Como a maioria dos mais jovens trabalha ou estuda fora, muitos saem da comunidade para viver em outras cidades e/ou não têm tempo de participar da preparação dessas festas.

Além desses costumes, a comunidade também tem a OASE, que é um encontro de mulheres de mais idade na Igreja, e o Clube de Mães, no qual as senhoras que frequentam produzem itens de artesanato para uso próprio.

A única escola dessa localidade parou de funcionar há 10 anos, pois mantinha pouquíssimos alunos. Havia em torno de um a quatro alunos por série, todos reunidos em uma mesma sala de aula com apenas uma professora. Os alunos

que estudavam nessa escola foram remanejados para uma escola maior perto do centro de Feliz. O prédio da escola, infelizmente, encontra-se fechado e somente abre as portas em torno de uma vez por mês para o Clube de Mães.

Os moradores mais velhos estudaram nessa escola quando pequenos. Como não tinham condições, muitos ou não finalizaram o ensino fundamental ou finalizaram em outra escola, mas não cursaram o ensino médio. A maioria dos moradores não possui ensino superior e são poucos os jovens que seguem nos estudos atualmente (a maior parte dos estudantes de nível superior tem idade entre 20 e 30 anos, sendo esse um dos motivos para a nossa pesquisa abranger somente falantes de ensino fundamental e médio).

4.2 As entrevistas sociolinguísticas

A pesquisa linguística tem como objetivo entender como a fala ocorre quando as pessoas não estão sendo “sistematicamente observadas”, conforme Labov (2008, p. 244 e 245). Porém, como o próprio autor afirma, não há a possibilidade de realizar esse tipo de observação sem que os entrevistados saibam. A melhor forma de realizar entrevistas com a finalidade de análise sociolinguística é formulando perguntas que tenham ligação com as emoções do entrevistado, como, por exemplo, sobre dificuldades pelas quais tenha passado, sobre momentos de felicidade em sua vida pessoal (LINK, 2015, p.50).

Desse modo, a pesquisa foi realizada com pessoas moradoras da comunidade que falam a língua alemã desde pequenas, têm contato umas com as outras e frequentam as mesmas festas e eventos, inclusive festas da Igreja, da comunidade, festas de *Kerb* (*Kerbfest*) e festas da sociedade (como almoços e jantas). A maioria dos entrevistados teve a língua alemã como primeira língua e aprendeu a língua portuguesa apenas na escola. Por isso, muitas vezes, ao conversarem, alternam palavras das duas línguas.

Como a presente pesquisa tem um viés sociolinguístico, que objetiva identificar os fatores sociais que condicionam a variação linguística em estudo, realizamos entrevistas com oito informantes moradores da cidade de Feliz – RS, mais especificamente da comunidade de Coqueiral. As entrevistas, baseadas em Link (2015) e em LABOV (2008), seguiram um roteiro de perguntas sobre o cotidiano do informante, sua vida pessoal, lugares que costuma frequentar e a comunidade

onde vive (Anexo I), e foram conduzidas de forma que o informante se sentisse confortável ao conversar com a entrevistadora⁵.

Tais entrevistas, que duraram em média quarenta minutos, foram gravadas entre os meses de agosto e setembro de 2019 na residência de cada participante através de um aplicativo de celular. Antes de iniciar a gravação, porém, a entrevistadora explicou do que se tratava a pesquisa e que os entrevistados poderiam falar naturalmente, conforme falam no seu dia a dia. Os entrevistados assinaram um termo de consentimento antes de iniciarem as gravações. Alguns entrevistados conversaram bastante, falaram sobre sua vida, sua infância, seus afazeres diários e seus planos para o futuro, outros, no entanto, falaram menos, pois se sentiram um pouco tímidos por nunca terem participado de entrevistas gravadas antes. Ainda assim, todas se desenrolaram como uma conversa o mais natural possível para a análise do fenômeno de elevação das vogais átonas finais na fala dos informantes.

4.3 Coleta de dados

As gravações foram reproduzidas diversas vezes para que fosse possível coletar os dados, através de oitiva, com o contexto em análise e registrar a realização das vogais. Após a audição de todas as entrevistas e o registro, em uma planilha do Excel, de todas as ocorrências coletadas, codificamos cada um dos fatores.

Os quadros abaixo mostram as variáveis consideradas e os respectivos códigos para cada fator:

⁵ Todas as entrevistas foram realizadas por mim, pesquisadora deste estudo.

Quadro VI: Codificações conforme as variáveis precedente e seguinte

Variável: contexto precedente			Variável: contexto seguinte		
fatores	exemplo	códigos	fatores	exemplo	códigos
Dorsal	pegue	d	Dorsal	Pegue gripe	t
Labial	sabe	l	Labial	sofre mais	w
/s/	fosse	s	/s/	sempre sujava	j
Vogal	sócio	v	Vogal	como antes	a
Coronal [-ant]	hoje	k	Coronal [-ant]	hoje já	y
Coronal [+ant]	fone	c	Coronal [+ant]	ele lembra	u
/z/	onze	Z	Pausa	Sabe... (pausa)	P

Quadro de autoria própria.

Quadro VII: Codificações para vogal alta

Variável: vogal alta precedente		
fatores	exemplo	códigos
Com vogal alta	leite	\$
Sem vogal alta	solto	@
Palavra monossílaba	que	%

Quadro de autoria própria.

Quadro VIII: Codificações para idade, sexo e escolaridade

Variável: sexo		Variável: idade		Variável: escolaridade	
Fator	Código	Fator	Código	Fator	Código
Masculino	5	20-40 anos	2	Ens. Fundamental	0
Feminino	6	40-60 anos	4	Ens. Médio	1

Quadro de autoria própria.

Quadro IX: Codificações para elevação e variável dependente

Variável: elevação		Variável dependente	
Fator	Código	Fator	Código
Não eleva	N	/e/	e
Eleva	S	/o/	o

Quadro de autoria própria.

Foi necessário criar um código para cada um dos entrevistados para que, caso fosse necessário recodificar alguns dados, estes seriam facilmente encontrados na planilha. O quadro abaixo nos apresenta os códigos destinados a cada participante.

Quadro X: Codificações para participantes

Participante	Código
Feminino, Ensino Médio, 20-40 anos	p
Feminino Ensino Médio, 40-60 anos	n
Feminino, Ensino Fundamental, 20-40 anos	b
Feminino, Ensino Fundamental, 40-60 anos	f
Masculino, Ensino Médio, 20-40 anos	h
Masculino, Ensino Médio, 40-60 anos	q
Masculino, Ensino Fundamental, 20-40 anos	m
Masculino, Ensino Fundamental, 40-60 anos	g

Quadro de autoria própria.

Em seguida, codificamos a realização da vogal média átona final de cada dado para que, por fim, nosso corpus fosse copiado e colado no programa Goldvarb para a codificação dos *tokens*. Após o arquivo de *tokens* ser gerado, deu-se a análise estatística através do programa RBrul.

As análises foram realizadas através da opção *crosswords* que cruzava as variáveis com a variável dependente e trazia os resultados em *counts* (uso total) ou em *proportion* (proporção).

4.4 Variáveis controladas

Variáveis são grupos de fatores (linguísticos e extralinguísticos) que constituem um fenômeno variável (LABOV, 2008). As variáveis independentes são fatores que podem ter efeito sobre as variáveis dependentes, sendo as primeiras linguísticas ou extralinguísticas. Então, as variáveis controladas são os grupos de fatores com os quais faremos as análises estatísticas.

Neste trabalho, a variável dependente é considerada a elevação das vogais médias átonas finais /e/ e /o/ sem coda.

4.4.1 Variável dependente

Neste estudo, realizamos uma rodada dos dados para a elevação ou não de /e/, e outra para verificar a elevação ou não de /o/. Em um segundo momento, realizamos a verificação do total de aplicações para as duas variáveis. Neste caso, as variáveis dependentes são as vogais /e/ e /o/, que se realizam de forma variável conforme as variáveis que as antecedem e/ou sucedem, ou com as variáveis extralinguísticas, podendo ocorrer o levantamento da vogal ou a preservação da vogal média. O fenômeno de aplicação da regra neste estudo está relacionado com a ocorrência da elevação das vogais.

4.4.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes são aquelas que desencadeiam o fenômeno de elevação ou somente inibem o processo. Sendo assim, as variáveis independentes linguísticas selecionadas para este trabalho estão relacionadas com os trabalhos dos autores analisados na revisão bibliográfica.

Trabalhos anteriores (MILESKI, 2013; LINK, 2015) constataram que vogal alta na sílaba anterior favorece a elevação das vogais médias. Em relação aos contextos precedente e seguinte, há alguns fatores que favorecem a elevação. No caso do contexto precedente, consoantes como [p, b, f, v] influenciam no processo de elevação de /o/ para falantes alemães e [k, g, ʒ, ʃ, dʒ, tʃ] e, [t, d, s, z] para /e/ (SCHMITT, 1987). As consoantes [k, g, ʒ, ʃ, dʒ, tʃ] como contexto seguinte também são consideradas favorecedoras no processo de elevação de /o/ (SCHMITT, 1987). Link (2015) ainda constata que coronais [-ant], dorsais e labiais em contexto precedente e seguinte favorecem a elevação.

As variáveis independentes extralinguísticas idade, sexo e escolaridade também foram analisadas, pois tiveram papel significativo nos estudos de Link (2015), Mileski (2013), Silva (2009), Mallmann (2001).

4.4.2.1 Variáveis linguísticas

Lembrando que o nosso trabalho aborda as vogais médias na sílaba átona final sem coda, as variáveis linguísticas e os fatores analisados neste estudo foram os seguintes:

1. Contexto precedente: vogal (*meio*), labial (*fome*), coronal [-ant] (*bicho*), coronal [+ant] (*leite*), dorsal (*pouço*), /s/ (*isso*), /z/ (*quinze*);
2. Contexto seguinte: vogal (*terceiro ano*), coronal [-ant] (*muito churrasco*), labial (*usado mais*), coronal [+ant] (*muito tarde*), dorsal (*muito caro*), /s/ (*todo suado*);
3. Vogal alta na sílaba anterior: /i/ (*leite*) ou /u/ (*pouuco*), ou vocábulos monossílabos (*que, de*).

As três primeiras variáveis são consideradas linguísticas, pois fazem parte da palavra ou frase.

O contexto precedente é as consoantes ou vogais que antecedem a vogal /e/ ou /o/; o contexto seguinte é o fonema que vem depois da vogal analisada; as vogais altas são /i/ ou /u/ e, sua presença ou ausência na sílaba anterior à vogal média átona final pode influenciar a ocorrência da regra de elevação. Como houver vocábulos monossílabos, nos quais não há uma sílaba anterior em que seja possível analisar a existência de vogal alta, estas palavras foram identificadas como monossílabas e resolveu-se considerá-las no trabalho.

4.4.2.2 Variáveis extralinguísticas

Como todo trabalho com um viés sociolinguístico, nosso trabalho também analisa as variáveis extralinguísticas.

Para as entrevistas foram selecionados 8 participantes. Destes, metade são mulheres e a outra metade, homens. Portanto, analisaremos se mulheres tendem a elevar mais do que os homens, buscando confirmar (ou não) as nossas hipóteses e os resultados de SILVA (2009).

Nossas variáveis e fatores considerados foram:

1. Escolaridade: Ensino Fundamental ou Ensino Médio;
2. Idade: entre 20 e 40 anos e entre 40 e 60 anos;
3. Sexo: feminino e masculino.

Os entrevistados foram divididos por idade, sexo e escolaridade. Foram selecionadas pessoas com idade entre 20-40 e 40-60 anos, Ensino fundamental ou médio, sexo feminino e masculino, conforme o quadro X.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após codificar os dados no VarBrul e abrir o arquivo *token* (.tkn) no Rbrul, a primeira rodada realizada no Rbrul foi com os totais de aplicação de elevação das vogais. Conforme nossas hipóteses iniciais, a vogal /e/ é elevada com mais frequência do que a vogal /o/. Totalizando 219 elevações de 554 dados para /e/ (39% de elevação de /e/ → /i/) e 95 de 861 para /o/ (11% de elevação de /o/ → /u/).

Gráfico 1: Elevação total da vogal /e/

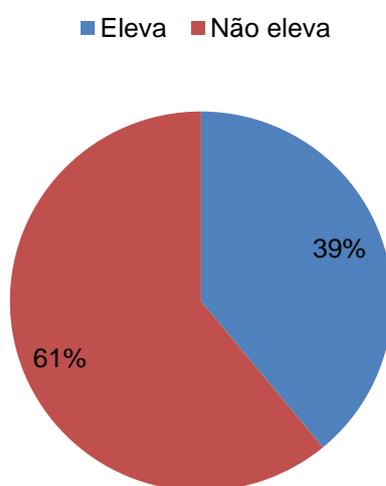


Gráfico de autoria própria.

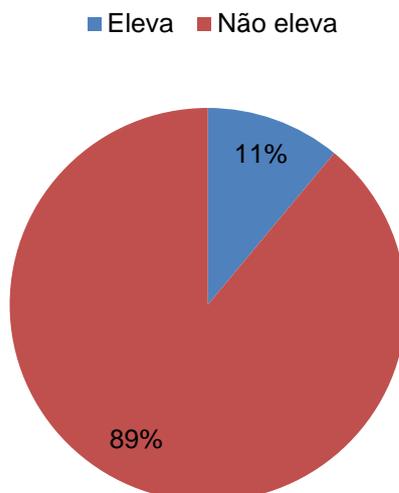
Gráfico 2: Elevação total da vogal /o/

Gráfico de autoria própria.

Os resultados expostos nos Gráficos 1 e 2, então, nos permitem verificar que a comunidade de Coqueiral apresenta um alto índice de preservação das vogais médias, sendo a preservação da vogal posterior /o/ ainda maior do que a da anterior /e/. Neste TCC, a vogal /e/ é bastante elevada. Esses resultados, embora confirmem a tendência à conservação das vogais médias em comunidades de colonização alemã, não confirmam a preferência por conservar a vogal /e/.

A seguir, em 5.1, apresentaremos os resultados das variáveis extralinguísticas para /e/ e /o/. Depois, em 5.2, os resultados para o contexto de /e/ e, por fim, em 5.3, os resultados para a vogal /o/. Neste trabalho, apresentaremos somente a proporção de realização das vogais e em um trabalho posterior informaremos os valores dos pesos relativos. Como o programa Rbrul não apresentou os resultados em pesos relativos, optamos por trabalhar aqui somente com as proporções.

5.1 Resultados das variáveis extralinguísticas para /e/ e /o/

Vejamos, nesta seção, os resultados obtidos para as variáveis extralinguísticas.

5.1.1 Idade

A variável idade é a primeira das variáveis extralinguísticas a ser analisada. Com nossos resultados, podemos confirmar nossa hipótese de que pessoas mais jovens tendem a elevar mais do que as mais velhas, pois, mesmo que os resultados encontrados na nossa amostra sejam muito baixos, temos quase o triplo de ocorrências para jovens em comparação com informantes entre 40 e 60 anos, conforme o que vemos na tabela abaixo.

Tabela 1: Resultado total para a variável idade

Fatores	Aplicação/Total	Proporção
Idade entre 20 –40 anos	228/691	0,33
Idade entre 40 – 60 anos	86/724	0,11
Total	314/1415	0,22

Tabela de autoria própria.

Nem sempre é possível comparar os resultados da variável com outros trabalhos devido às diferentes abordagens. Alguns analisam em torno de dois fatores de idade, assim como em nosso trabalho, entretanto, outros autores analisam vários fatores, dividindo o grupo em três ou quatro, como acontece em Silva (2009). A autora analisa idades entre 15 e 35 anos; 36 e 57; e 58 anos ou mais. Mesmo assim, o que se pode confirmar é que informantes mais jovens elevam mais, como pode ser atestado em Mileski (2013).

5.1.2 Escolaridade

A escolaridade teve importância em Silva (2009) e Mallmann (2001), ao encontrarem resultados de elevação para falantes com mais escolaridade (no caso, Ensino Superior). Em nosso trabalho, não analisamos ensino superior, mas podemos confirmar que encontramos resultados perto do ponto 0. Ainda assim, informantes com ensino médio elevam mais do que os de ensino fundamental.

Tabela 2: Resultado total para a variável escolaridade

Fatores	Aplicação/Total	Proporção
Ensino Fundamental	120/748	0,16
Ensino Médio	194/667	0,29
Total	314/1415	0,22

Tabela de autoria própria.

Já para Mileski (2013), informantes com ensino superior elevam a vogal /e/, mas não elevam /o/. Nesse último caso, pessoas com ensino fundamental elevam mais e com ensino médio elevam menos.

5.1.3 Sexo

Esperávamos, em nossas hipóteses, que as mulheres fizessem maior uso da regra do que os homens, como vimos nos estudos de Mileski (2013), Mallmann (2001) e Vieira (1994).

Tabela 3: Resultado total para a variável sexo

Fatores	Aplicação/Total	Proporção
Feminino	108/568	0,19
Masculino	206/847	0,24
Total	314/1415	0,22

Tabela de autoria própria.

Na tabela 9, homens elevam um pouco mais do que mulheres, o que vai praticamente de encontro aos resultados de Silva (2009), apesar de a autora encontrar valores maiores de elevação em comparação com o nosso trabalho. Portanto, não confirmamos a nossa hipótese em relação ao sexo.

5.2 Resultados da variável dependente /e/

Nesta seção, trazemos os resultados obtidos para cada uma das variáveis analisadas para a variável dependente /e/.

5.2.1 Contexto precedente

A primeira variável considerada é contexto precedente para /e/ átono final. Os fatores /s/ e /z/ foram amalgamados com as coronais [+anteriores], assim renomeados como [anteriores]. Vemos na Tabela 1 que houve 411 dados para as consoantes anteriores, sendo que, desse total, em 180 a regra de elevação foi aplicada. Coronal [-ant] também teve um número maior de aplicações, comparando com os outros fatores, com 22 ocorrências dos 49 dados, sugerindo que esta não

seria uma variável relevante para a realização de elevação, o que vai de encontro ao que constatou Link (2015), por exemplo. Em sua pesquisa, à exceção de vogal, todos os demais fatores se mostraram favorecedores da regra.

Tabela 4: Contexto precedente para /e/ átono final

Fatores	Aplicação/Total	Proporção	Exemplo
[Anteriores]	185/452	0,41	f <u>o</u> ne
Dorsal	12/52	0,23	pe <u>g</u> ue
Coronal [-anterior]	22/49	0,45	ho <u>j</u> e
Total	219/554	0,39	-

Tabela de autoria própria.

Em nosso estudo, o fator vogal em contexto precedente foi excluído e uma nova rodada foi realizada, pois não havia nenhum contexto com vogal antes das vogais finais, o que gerou *knockout*.

5.2.2 Contexto seguinte

No contexto seguinte, visto que não haveria nenhum contexto com /z/, resolveu-se excluir o fator antes de iniciar as análises. Por isso, /z/ se encontra somente no contexto anterior e não no seguinte. Foram novamente amalgamados os fatores coronais [+ant] e /s/ e renomeados como anteriores. Outra amalgamação ocorreu com os fatores [-ant] e dorsais.

Tabela 5: Contexto seguinte para a vogal /e/

Fatores	Aplicação/Total	Proporção	Exemplo
[Anteriores]	62/171	0,37	ele <u>l</u> embra
[- anteriores]	22/46	0,49	ho <u>j</u> e <u>j</u> á
Labial	32/76	0,42	so <u>f</u> re <u>m</u> ais
Vogal	55/119	0,46	le <u>i</u> te e <u>q</u> ueijo
PAUSA	48/142	0,34	de no <u>i</u> te (P)
Total	219/554	0,39	-

Tabela de autoria própria.

As consoantes [-anteriores] não favorecem nem inibem a elevação, assim como vogais, pois ambas se encontram perto do ponto neutro. As anteriores, dorsais

e labiais também não favorecem a elevação, elevando menos da metade dos dados selecionados.

5.2.3 Vogal alta

A presença de vogal alta ou não na sílaba anterior não favorece a elevação, nem mesmo ocorre o fenômeno com mais frequência em palavras monossílabas.

Tabela 6: Vogal alta para /e/

Fatores	Aplicação/Total	Proporção	Exemplo
Vogal alta	17/51	0,33	le <u>i</u> te
Sem vogal alta	146/332	0,44	pe <u>n</u> te
Palavra monossílaba	56/171	0,32	de
Total	219/554	0,40	-

Tabela de autoria própria.

Em palavras sem vogal alta, a vogal átona /e/ final eleva-se mais do que em vocábulos com vogal alta, o que vai contra a nossa hipótese e aos resultados de Link (2015) e Silva (2009), nos quais as vogais altas na sílaba precedente são favorecedoras da elevação. Silva (2009) analisou a presença ou ausência de vogais altas na sílaba tônica e constatou a elevação quase total de palavras com a presença de vogal alta.

Aqui, neste estudo, analisamos a vogal alta na sílaba anterior e encontramos resultados diferentes. Os resultados da nossa pesquisa mostram que a vogal alta não favorece a aplicação da regra, assim como para Mileski (2013). Enquanto palavras sem vogal alta na sílaba anterior ficam perto do ponto neutro.

5.3 Resultados da variável dependente /o/

Nesta seção, trazemos os resultados obtidos para cada uma das variáveis analisadas para a variável dependente /o/.

5.3.1 Contexto precedente

Como a vogal /o/ teve somente 11% de elevação, os resultados serão extremamente baixos, a maioria ficando perto do ponto 0. Foram amalgamados os

fatores coronais [+anteriores] com /s/, labiais e /z/ e renomeados como [anteriores]. Os fatores dorsais e coronais [-anteriores] também foram amalgamados.

No contexto precedente, o máximo atingido de ocorrências foi 0,12 para as consoantes [anteriores]. Portanto, o contexto precedente preserva as vogais médias.

Tabela 7: Contexto precedente para /o/ átono final

Fatores	Aplicação/Total	Proporção	Exemplo
[anteriores]	73/651	0,12	pon <u>to</u>
[-anteriores]	13/131	0,10	mur <u>cho</u>
Vogal	9/79	0,11	está <u>gio</u>
Total	95/861	0,11	-

Tabela de autoria própria.

5.3.2 Contexto seguinte

No contexto seguinte, houve *knockout* nos fatores coronal [-ant] e /s/ e foi realizada nova rodada sem esses dados. Lembrando ainda que, como não houve ocorrências com /z/ no contexto seguinte, este fator foi retirado das rodadas também. Também foram amalgamados os fatores coronal [+anterior] juntamente com as labiais.

Tabela 8: Contexto seguinte para a vogal /o/

Fatores	Aplicação/Total	Proporção	Exemplo
[+anteriores]	33/318	0,11	muito <u>tr</u> abalho
Dorsal	5/61	0,21	muito <u>ca</u> ro
Vogal	16/128	0,12	muito <u>in</u> teligente
PAUSA	41/336	0,12	eu <u>acho</u> P
Total	95/861	0,11	-

Tabela de autoria própria.

É possível notar que acontecem poucas realizações de elevação da vogal /o/. De 861 ocorrências, somente aplicou-se a regra em 95. Nenhum fator do contexto seguinte favorece a elevação.

5.3.3 Vogal alta

A ausência de vogal alta não favorece a elevação de /o/. Porém, a presença de vogal alta na sílaba anterior favorece um pouco mais, ainda ficando muito abaixo

do ponto neutro e perto do ponto 0. Palavras monossílabas também não favorecem a ocorrência do fenômeno.

Tabela 9: Vogal alta

Fatores	Aplicação/Total	Proporção	Exemplo
Vogal alta	62/397	0,16	queijo
Sem vogal alta	32/434	0,03	ma <u>t</u> o
Palavra monossílaba	1/30	0,07	do
Total	95/861	0,11	-

Tabela de autoria própria.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos resultados vistos no capítulo anterior, é possível afirmar que há registros muito baixos de elevação, ou seja, os falantes costumam preservar mais do que elevar as vogais médias átonas finais quando em contextos sem coda.

Relembrando as nossas hipóteses, pensávamos que o sexo feminino aplicasse mais a regra de elevação; que vogais altas favorecessem o fenômeno; que jovens elevassem mais e pessoas mais escolarizadas também fizessem mais uso da regra. Os contextos precedente e seguinte também teriam relevância.

A maioria das hipóteses, as quais foram formuladas a partir de trabalhos aqui revisados, não foram confirmadas, pois a proporção de realização ficou perto do ponto 0 ou neutro na maioria das vezes. Em relação aos contextos precedente e seguinte para a vogal /e/, constatou-se que a variável não favorece a elevação, e para a vogal /o/, os dois contextos também não favorecem. A vogal alta para /e/ e /o/ não favorece o uso da regra, mas, para a vogal /e/, contextos sem vogal alta têm proporção perto do ponto neutro. Sendo assim, não inibe nem favorece o fenômeno.

Nossa hipótese em relação à variável sexo também não se confirma. Apesar dos resultados extremamente baixos, é possível confirmar que o sexo masculino eleva mais do que o feminino. No que tange às variáveis escolaridade e idade, nossas hipóteses também se confirmam. Jovens de 20-40 anos elevam quase o triplo do que os mais velhos e falantes com ensino médio elevam um pouco mais do que os com ensino fundamental. Lembrando que os valores foram extremamente baixos consideramos o valor maior na análise.

Em seus resultados, LINK (2015) encontra maiores ocorrências de elevação em informantes com escolaridade acima de 08 anos, por terem contato com pessoas de outros locais ou escolas de outras cidades. Podemos afirmar que os jovens da comunidade de Coqueiral que possuem ensino médio elevam mais porque trabalham no centro ou fora da cidade e outros estudam ou estudaram em escolas e têm contato com alunos de outras cidades.

Dessa forma, baseando-nos em Schmitt (1987, p. 131 e 132), podemos afirmar que a preservação das vogais médias ocorre devido à interferência da língua alemã (no nosso caso). Ou seja, somente será categórico o uso da regra de elevação em outras regiões que não têm contato com outra língua.

Este trabalho poderá ser retomado com o passar dos anos, através da pesquisa em tempo real, de forma mais profunda, buscando analisar se, com o passar dos anos, ocorreu mudança linguística ou não. Os resultados vistos aqui provam que a comunidade de Coqueiral – Feliz – RS preserva as vogais médias átonas finais sem coda. É possível que esteja ocorrendo a mudança, mas de forma muito lenta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MORELLO, Rosângela. *Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil* / Cléo Vilson Altenhofen, Rosângela Morello [et. al.]. – Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018. 14.060kb : il. ; pdf

BISOL, Leda. *A neutralização das átonas*. Revista Letras. Curitiba, n. 61, especial, Editora UFPR, p. 273-283, 2003.

BATTISTI, Elisa; VIEIRA, Maria José Blaskovski. *O sistema vocálico do português*. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. – 5.ed., ver. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2014. p.166-201.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa* / Joaquim Mattoso Camara Jr. – 47. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2015.

FROSI, Vitalina; MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos: um perfil linguístico dos italo-brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos* / William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. - São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

_____. *Principles of Linguistic Change*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. *La motivación social de un cambio fonético*. In: Modelos Sociolingüísticos. Madrid: Cátedra, 1983[1972a].

LINK, Eugenio Roberto. *Elevação das vogais médias átonas em posição final absoluta em Esquina Barra Funda – Novo Machado – RS*, 2015. 105 fls. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2015.

MALLMANN, Dalcio Otelon. *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado em Santo Ângelo (RS)*. 2001. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: La Societé Linguistique de Paris. 1921

MILESKI, Ivanete. *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS*. 2013. 152f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, Ulrich; DTTMAR, Norbert e MATTEIR, Klaus J. (eds.) *Sociolinguistics: an international handbook of the science language and society*. New York: Walter de Gruyter, 1988, p. 983-998.

SAUSSURE, Ferdinand de; BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert; RIEDLINGER, Albert. *Curso de lingüística geral*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1962.

SCHMITT, Cristina Job. *Redução vocálica pós-tônica e estrutura prosódica*. 1987. 139f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1987.

SILVA, Susiele Machry da. *Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho – RS*. 2009. 172f. Dissertação (Mestrado em Letras). Curso de Pós-graduação em Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. *Neutralização das vogais médias postônicas*. 1994. 110f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1994.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WETZELS, Leo. *Mid vowel neutralization in brazilian portuguese*. *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas. n. 23. p. 19-55, 1992.

ANEXOS

Anexo I: Questões da pesquisa

ROTEIRO *(baseado em Link (2015))*

1. Como foi a sua infância? Me conte um pouco sobre.
2. Como era a sua rotina diária durante a infância?
3. Quais atividades ou brincadeiras você mais gostava de fazer em casa? E na escola?
4. Quais eram as atividades dos seus pais? Como era a rotina deles?
5. Como era a comunidade naqueles tempos?
6. O que você acha que mudou na comunidade daqueles tempos até hoje?
7. Durante os tempos de escola, você lembra de algo que o/a marcou muito? Ou algo que gostava ou odiava?
8. A comunidade preserva algum costume de antigamente? Qual?
9. Como era a vida na comunidade quando as pessoas não tinham celulares ou não tinham seus próprios meios de transporte? Você acha que havia alguma dificuldade?
10. Houve algum momento na sua vida que foi o mais complicado? Qual?
11. E o melhor momento na sua vida, qual foi?
12. Há alguma coisa que você gostaria de ter feito ou algo que você se arrepende?
13. Qual a sua lembrança favorita?
14. O que você faz hoje em dia?
15. Como é a sua rotina diária?
16. O que você faz nos momentos de folga e/ou finais de semana?
17. Você costuma participar de eventos da comunidade? Quais?
18. Se você tivesse condições de investir na comunidade, em que investiria?
19. O que você mais gosta de fazer quando se encontra com amigos ou familiares?
20. Se você pudesse, se mudaria da comunidade ou da cidade? Por quê? Se sim, para onde você iria?